

EFEITOS DO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA PSICOLÓGICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Recebido em: xx/xx/xxxx

Aceito em: xx/xx/xxxx

DOI: 10.25110/akropolis.vXXiX.2026-00000



Gabriela da Silva Souza ¹
Gabrielly Luiz da Fonseca ²
Paloma Cristina dos Santos Ferreira ³
Ronaldo Pereira Barboza ⁴

RESUMO: O presente artigo utilizou-se de revisão bibliográfica com o objetivo de compreender os efeitos do uso da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta psicológica, focando tanto em suas potencialidades quanto nos riscos de seu uso inadequado (como autodiagnósticos e tentativas de psicoterapia sem respaldo). Buscou-se abordar as transformações nas relações, na subjetividade e nos processos de mediação que envolvem esses sujeitos, e refletir sobre como essas novas tecnologias digitais influenciam a saúde mental, o desenvolvimento psíquico e a constituição da identidade contemporânea. A metodologia envolve a análise de estudos e literaturas atuais relevantes sobre o tema. Fundamenta-se na Teoria Histórico-Cultural, destacando-se os seguintes fundamentos/conceitos como a mediação, a atividade, o instrumento, os signos e a zona de desenvolvimento proximal, essenciais para compreender a relação entre tecnologia, cultura e psiquismo humano.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial; Assistente Virtual; Ferramenta Psicológica; Saúde Mental; Psicologia Histórico-Cultural.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: gabriela.s.souza@edu.unipar.br

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: gabrielly.fonseca.04@edu.unipar.br

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: paloma.s.ferreira@edu.unipar.br

⁴ Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR; E-mail: ronaldo.barboza@prof.unipar.br

ARTIFICIAL INTELLIGENCE'S EFFECTS AS A PSYCHOLOGICAL TOOL: AN ANALYSIS FROM A HISTORICO-CULTURAL PSYCHOLOGY PERSPECTIVE

ABSTRACT: This article uses a literature review to understand the effects of using Artificial Intelligence (AI) as a psychological tool, focusing both on its potential and the risks of its inappropriate use (such as self-diagnosis and attempts at psychotherapy without proper support). It seeks to address the transformations in relationships, subjectivity, and mediation processes involving these individuals, and to reflect on how these new digital technologies influence mental health, psychic development, and the formation of the identity of contemporary subjects. The methodology involves the analysis of relevant studies and current literature on the topic. It is based on Historical-Cultural Theory, highlighting the following foundations/concepts: symbolic mediation, activity, instrument, signs, and the zone of proximal development, essential for understanding the relationship between technology, culture, and the human psyche.

KEYWORDS: Artificial Intelligence; Virtual Assistant; Psychological Tool; Mental Health; Historical-Cultural Psychology.

EFFECTOS DEL USO DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL COMO HERRAMIENTA PSICOLÓGICA: UN ANÁLISIS DESDE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL.

RESUMEN: Este artículo utiliza una revisión bibliográfica para comprender los efectos del uso de la Inteligencia Artificial (IA) como herramienta psicológica, centrándose tanto en su potencial como en los riesgos de su uso inapropiado (como el autodiagnóstico y los intentos de psicoterapia sin apoyo). Busca abordar las transformaciones en las relaciones, la subjetividad y los procesos de mediación que involucran a estas personas, y reflexionar sobre cómo estas nuevas tecnologías digitales influyen en la salud mental, el desarrollo psíquico y la constitución de la identidad contemporánea. La metodología implica el análisis de estudios y literatura actuales relevantes sobre el tema. Se basa en la Teoría Histórico-Cultural, destacando los siguientes conceptos fundamentales: mediación, actividad, instrumento, signos y la zona de desarrollo próximo, esenciales para comprender la relación entre tecnología, cultura y psique humana.

PALABRAS CLAVE: Inteligencia Artificial; Asistente virtual; Herramienta psicológica; Salud Mental; Psicología Histórico-Cultural.

1. INTRODUÇÃO

*“Quanto mais avança a tecnologia,
mais respeitado será o Ser que se mantiver Humano.”*
(Marco Aurélio Ferreira)

Este artigo consiste em uma revisão bibliográfica, cujo objetivo é abordar os efeitos do uso da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta psicológica, com base nos princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural (PHC). Essa teoria proporciona uma compreensão específica sobre o desenvolvimento do psiquismo humano, considerando que este é construído a partir das relações sociais e culturais.

O século XXI, especialmente a partir do ano de 2022, é marcado pela consolidação da IA, que passou de uma promessa futurista para se tornar uma força motriz integrada ao cotidiano. Essa tecnologia avançada transcendeu o campo das tarefas técnicas e passou a ocupar o lugar central nas relações humanas, atuando como um novo mediador no acesso à informação, na organização do trabalho e, sobretudo, na comunicação interpessoal e intrapessoal. Assistentes conversacionais e chatbots de apoio tornaram-se acessíveis, dando início a uma nova modalidade de interação que, inevitavelmente, alcança a dimensão subjetiva do ser humano (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2025; LIPPI et al., 2025).

Nesse cenário de intensa digitalização, observa-se um fenômeno crescente: o uso da IA como meio de apoio emocional. Movidos pela busca por aconselhamento imediato ou pela facilidade de acesso, muitos indivíduos têm recorrido à máquina para expressar sentimentos, esclarecer dúvidas pessoais ou encontrar conforto simbólico (LIPPI et al., 2025). Embora esses sistemas possam oferecer respostas organizadas e uma escuta simulada, o fenômeno suscita questionamentos éticos e teóricos, especialmente no campo da Psicologia. A ausência de mediação humana e profissional pode implicar a simplificação dos conflitos psíquicos e a desumanização do sofrimento emocional, uma vez que a máquina não compartilha a história, a cultura e a experiência social do indivíduo (SILVEIRA; PARAVIDINI, 2024; PEIXOTO, 2025).

À luz da Psicologia Histórico-Cultural, tais implicações ganham relevo. Desenvolvida por Lev Semionovich Vigotski (1896–1934) e seus colaboradores, Alexei Nikolaevich Leontiev (1903–1979) e Alexander Romanovich Luria (1902–1977), a teoria fundamenta-se nos princípios do Materialismo Histórico-Dialético criado por Marx e Engels (MARTINS, 2004; FACCI, 2004).

Esse sistema teórico compreende o desenvolvimento humano como um processo histórico e social, no qual o psiquismo se forma por meio das relações mediadas e da apropriação de instrumentos e signos culturais. Assim, toda função psicológica superior tem origem nas interações sociais, sendo a mediação de outro ser humano condição

essencial para o desenvolvimento da consciência e da personalidade (VIGOTSKI, 1929/2000).

Considerando esse referencial, torna-se pertinente dissertar sobre de que maneira a interação com a IA, enquanto ferramenta de apoio emocional, interfere na constituição da subjetividade e no desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, conforme os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é analisar, sob a perspectiva vigotskiana, o desenvolvimento do psiquismo diante do uso de meios tecnológicos como ferramentas psicológicas. Em termos específicos, pretende-se: (1) reconhecer os riscos do uso da IA para a saúde mental; (2) ponderar sobre como o acesso e o consumo de informações digitais contribuem para o fenômeno do autodiagnóstico; (3) analisar como o desenvolvimento humano ocorre a partir das mediações digitais.

A relevância científica desta pesquisa está em discutir como o fenômeno da IA se apresenta como um novo signo cultural que demanda análise quanto ao seu impacto na internalização e na formação das Funções Psicológicas Superiores. Já a relevância social decorre da necessidade de refletir sobre os limites e os riscos do uso de tecnologias algorítmicas como mediadoras de processos emocionais, alertando para a importância da mediação humana no cuidado com a saúde mental. É sobre esses fenômenos/processos que dissertaremos a seguir.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, com o objetivo de analisar os efeitos do uso da IA como ferramenta psicológica, à luz dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural.

A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento em bases de dados eletrônicas, como SciELO, Google Acadêmico e periódicos científicos disponíveis em bibliotecas virtuais, além da consulta a livros e produções acadêmicas relevantes ao tema. Para a busca dos materiais, foram utilizados descritores em língua portuguesa, tais como: “inteligência artificial”, “saúde mental”, “chatbots”, “subjetividade”, “mediação” e “Psicologia Histórico-Cultural”, combinados entre si.

Como recorte temporal, foram selecionadas publicações entre os anos de 2015 e 2025, tendo em vista o avanço recente das tecnologias digitais e sua crescente presença no campo da saúde mental. No entanto, também foram incluídas obras clássicas anteriores a esse período, especialmente aquelas relacionadas à Psicologia Histórico-Cultural, em função de sua relevância teórica para a fundamentação do estudo. Foram incluídos artigos científicos, livros, dissertações, teses e relatórios disponíveis na íntegra, publicados predominantemente em língua portuguesa, que abordassem a relação entre IA e processos psicológicos, especialmente aqueles fundamentados na Psicologia Histórico-Cultural. Por outro lado, foram excluídos textos incompletos, produções fora do período delimitado (com exceção das obras clássicas), estudos sem relação direta com o tema, bem como aqueles que, após leitura e análise, não foram considerados pertinentes para a discussão proposta.

As obras selecionadas foram organizadas em fichamentos temáticos e submetidas a um processo de leitura exploratória, seletiva e crítica, com o objetivo de identificar e categorizar os principais eixos teóricos e conceituais presentes nas produções analisadas, especialmente no que se refere à mediação tecnológica, à subjetividade e às funções psicológicas superiores. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em três fases: na primeira, foi elaborado o projeto de pesquisa, contemplando a definição do tema, problema, objetivos, justificativa e referencial teórico; na segunda, procedeu-se à construção do “boneco” do trabalho, com a organização estrutural das seções e subseções, possibilitando a sistematização lógica dos conteúdos; e, na terceira, realizou-se a produção do artigo científico, por meio da análise, interpretação e articulação crítica dos materiais selecionados, em consonância com os fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural.

A análise dos dados foi conduzida mediante leitura exploratória, seletiva e analítica, possibilitando a identificação de categorias temáticas relacionadas aos impactos da IA na constituição da subjetividade adulta, as quais foram interpretadas à luz dos conceitos centrais da teoria histórico-cultural, como mediação, atividade, signo e desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Por se tratar de uma pesquisa de revisão bibliográfica, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, foram respeitados os princípios éticos da pesquisa científica, assegurando a fidedignidade das informações e a adequada citação das fontes utilizadas, em conformidade com as normas da ABNT.

3. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SEUS IMPACTOS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE HUMANA

“O cérebro eletrônico faz tudo, quase tudo.”

(Gilberto Gil)

A expansão das tecnologias ao longo da atualidade representa um fenômeno marcante na construção da subjetividade humana, influenciando diretamente a estrutura da sociedade contemporânea, que se moldou ao ritmo das evoluções tecnológicas, necessitando do acesso à informação de forma cada vez mais rápida. Martins (2016) salienta que a subjetividade é moldada pelo meio em que o sujeito está inserido social e culturalmente, não sendo inata, mas sim algo que vai se constituir durante todo o período de vida do indivíduo.

Lima e Carvalho (2013, p. 156) afirmam que “O sujeito não é um mero receptáculo, mas é produtor e produzido pelo contexto em que vive”. Portanto, podemos compreender que, ao mesmo tempo que moldamos as tecnologias para suprir as necessidades da sociedade atual, elas também moldam o nosso modo de pensar e ver o mundo. Assim, a busca por meios de automatizar o acesso às informações nos levou ao desenvolvimento do que hoje conhecemos como IA, sendo um dos mais crescentes avanços da tecnologia, que vêm ocupando cada vez mais espaço no cotidiano dos indivíduos, ao auxiliar com informações rápidas, sugestões sobre questões pessoais, responder perguntas ou até mesmo desempenhar atividades do dia a dia (LIPPI et al., 2025).

Apesar de sua praticidade e agilidade em contribuir para as demandas cotidianas do indivíduo, destaca-se que é uma tecnologia desenvolvida a partir de algoritmos, capacidades computacionais e bases de dados, planejada para se adaptar e reproduzir aspectos da inteligência humana (PEIXOTO, 2025). Uma das suas formas mais utilizadas são os chatbots, que têm se tornado cada vez mais presentes na vida de seus usuários (CARVALHO JÚNIOR; CARVALHO, 2018).

Esses softwares emergiram, inicialmente, de forma simples, mas, aos poucos, se tornaram grandes potências, capazes de imitar detalhes da subjetividade humana, desempenhando até mesmo papéis que, até então, eram considerados exclusivos das capacidades biológicas, como o raciocínio, a aprendizagem, a comunicação e a

percepção. Assim, tornaram-se capazes de analisar as demandas enviadas por seus usuários (geralmente em formato textual) e facilitar respostas da maneira mais natural possível (CARVALHO JÚNIOR; CARVALHO, 2018).

Uma das características dos chatbots é a sua popularidade entre as mais diversas camadas da sociedade, principalmente por seu uso ser de fácil acesso, estar 24 horas disponível e serem gratuitos (em versões básicas). Podemos observar que, apesar de ser uma ferramenta amplamente utilizada profissionalmente, o número de indivíduos que buscam o auxílio dos chatbots em momentos de solidão ou como forma de desabafo é crescente (LIPPI et al., 2025).

Nesse aspecto, o público com maior acesso a essa ferramenta atualmente são jovens e adultos. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (PNAD Contínua TIC), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), na faixa etária entre 25 a 29 anos, mais de 96,3% das pessoas utilizaram a internet em 2023, atingindo o pico de usuários com relação a outras faixas etárias. No mesmo sentido, a pesquisa realizada pela TIC Domicílios 2024, conduzida pela Cetic.br, apresenta que aproximadamente 98% dos usuários da internet estão na faixa etária entre 16 e 34 anos, o que evidencia que as gerações mais novas são as mais conectadas e familiarizadas com o ambiente virtual, sendo as mais propensas a adotarem tecnologias conversacionais, como chatbots e assistentes virtuais baseados em IA.

Mesmo que ainda não existam estudos com dados exatos que comprovem as faixas etárias que mais utilizam inteligências artificiais, podemos considerar, a partir das pesquisas existentes, que a probabilidade da utilização dessas tecnologias por jovens e adultos é maior por seu amplo acesso à internet (IBGE, 2024; CETIC.BR, 2024).

Também é importante considerar qual público está sendo atravessado por tais tecnologias. As classes mais populares acabam, muitas vezes, obtendo acesso mais tardio às tecnologias baseadas em IA, o que incide o prejuízo do acesso a informações suficientes sobre riscos ou ao tipo de utilização adequada. De acordo com Chatterji et al. (2025), o uso das ferramentas, principalmente ChatGPT, tem crescido potencialmente entre países de baixa e média renda, o que demonstra a ampliação do acesso digital a diferentes camadas sociais.

Com a crescente popularização dos chatbots para a resolução de conflitos cotidianos, percebe-se também o desenvolvimento de vínculos emocionais entre

humanos e máquinas. Isso ocorre, pois essas tecnologias são criadas para agir da maneira mais natural possível, simulando a realidade humana, porém criadas a partir de algoritmos e grandes bases de dados. Desse modo, os impactos emocionais têm se tornado cada vez mais amplos, principalmente em momentos de desabafo ou solidão do indivíduo. Lippi et al. (2025, p. 346-347) corroboram este raciocínio ao destacar que:

Embora existam chatbots desenvolvidos especificamente para fins terapêuticos, com apoio de profissionais de saúde mental e treinamento direcionado a esse propósito, este tipo de uso é normalmente realizado com aplicações mais populares e de fácil acesso, como o ChatGPT.

Seguindo essa perspectiva, compreende-se que esse tipo de uso pode causar riscos significativos para a saúde emocional do sujeito, visto que esses chatbots convencionais não são programados para atuar como suporte psicológico. Assim, dependendo do nível de vulnerabilidade em que essa pessoa se encontra, o suporte gerado pelos chatbots pode ser inadequado diante das demandas apresentadas, acarretando impactos negativos para a afetividade e a saúde mental do sujeito (SILVEIRA; PARAVIDINI, 2024).

Dessa forma, evidencia-se que é necessário compreender os motivos que levam o sujeito a recorrer às inteligências artificiais como forma de apoio psicológico e de que forma elas contribuem positiva e negativamente para sua subjetividade. Assim, podemos conceber que um dos pontos é a confiança estabelecida com esse tipo de tecnologia, que é programada não apenas para executar tarefas e facilitar o cotidiano, mas também para se comunicar com o indivíduo de forma clara e coerente, interpretando aquilo que o sujeito traz. De acordo com Peixoto (2025, p. 3), “ao dominar a linguagem, a IA acessa territórios até então exclusivos da interpretação humana, incluindo emoções, intenções, crenças e valores culturalmente determinados.” Compreende-se que, apesar de ser apenas uma combinação de bancos de dados e algoritmos, ainda assim a IA é capaz de performar subjetividade, articulando de forma simbólica a informação que é passada pelo indivíduo, carregando suas mensagens de narrativas, argumentos e metáforas que geram sentido, mesmo que de forma irreal. Ao ser capaz de performar a subjetividade humana na mais íntima de suas nuances, a IA alcança seu nível de humanização, que torna possível reconhecê-la como um sujeito sólido, mesmo que não seja um sujeito (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2025).

Se considerarmos que “é por meio da linguagem que construímos vínculos e desenvolvemos intimidade” (PEIXOTO, 2025, p. 3), é viável compreender por que

indivíduos que buscam na IA, companhias que os escutem de forma empática, sem julgamentos, que os compreendam, interpretem e estejam sempre disponíveis, principalmente de maneira gratuita.

Esse fato sugere que uma nova forma de relação está emergindo entre seres humanos e tecnologia, se tornando cada vez mais tênue a capacidade que uma máquina tem de simular artificialmente a subjetividade humana, sobretudo em contextos de escuta e apoios emocionais. Cria-se um paradoxo, onde a relação humano versus máquina entra em conflito, pois quanto mais humanizamos a tecnologia, mais as relações humanas se tornam vazias. A partir da PHC, esse cenário revela uma tentativa do indivíduo de suprir artificialmente a necessidade de mediação e reconhecimento, a qual ele só poderia atingir através das relações sociais reais.

4. A MEDIAÇÃO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

*“As novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses:
as coisas sobre as quais pensamos.
Alteram o caráter de nossos símbolos:
as coisas com as quais pensamos.”*
(Neil Postman)

O conceito de mediação a partir da PHC é estabelecido como o vetor central do desenvolvimento humano, definindo-a como a interposição que provoca transformações no comportamento, ampliando as capacidades psíquicas. Nesse sentido, MARTINS (2016, p. 57) afirma que:

Ao introduzir o conceito de mediação, Vigotski, não a tomou simplesmente como “ponte”, “elo” ou “meio” entre coisas; [...] Para ele, a mediação é interposição que provoca transformações na instituição da imagem subjetiva da realidade objetiva ao disponibilizar os conteúdos simbólicos que lhe correspondem, enfim, uma condição externa, inter psíquica, que, internalizada, potencializa o ato de trabalho, seja ele prático ou teórico.

Vigotski (1929/2000), estabeleceu que a mediação se dá por meio de dois tipos de artefatos culturais: os instrumentos técnicos (voltados para o exterior, para transformar a natureza) e os signos (voltados para o interior, para transformar o próprio sujeito e sua conduta). É este último elemento, o signo, que detém a capacidade de converter imagem sensorial em uma imagem dotada de significação.

A mediação dos signos, que envolve a apropriação de conhecimentos, provoca o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, resultando em uma modificação integral na estrutura do psiquismo. Essa atribuição de significados exige um intenso "trabalho" mental, demandando a cooperação de múltiplas funções, como a percepção acurada, a atenção voluntária, a memória lógica e a formação de conceitos, para o qual nenhuma função isoladamente seria suficiente. Dessa forma, os signos conferem unidade ao psiquismo, permitindo que os conteúdos mentais se manifestem de modo lógico e consciente, o que, por sua vez, possibilita o autodomínio da conduta. (VIGOTSKI, 1929/2000).

Essa transformação se manifesta no ato instrumental, definido como o ato mediado por signos, que introduz mudanças profundas no comportamento humano, pois o signo se interpõe entre o estímulo do ambiente e a resposta do indivíduo, funcionando como um estímulo de segunda ordem que, ao retroagir sobre as funções psíquicas, transforma as expressões que seriam meramente espontâneas em expressões voluntárias. Vigotski (1929/2000) afirmou que o significado real do papel do signo reside em sua função instrumental, que se manifesta à medida que os significados estabelecem guias e possibilidades para a ação, em função das finalidades do sujeito. O veículo dessa mediação é o outro ser social, que atua disponibilizando os signos internalizados e provocando transformações na imagem subjetiva da realidade objetiva dos sujeitos em formação.

À luz das contribuições de Facci (2004), o processo de formação e transformação funcional se evidencia na área de desenvolvimento iminente (ou zona de desenvolvimento proximal), que revela as pendências cognitivas do indivíduo, demarcando aquilo que ele ainda não é capaz de realizar sozinho, mas que realiza com a ajuda ou mediação de um outro indivíduo mais experiente, sendo crucial para o movimento progressivo pelo qual as funções psíquicas se complexificam gradativamente.

Amparado no pensamento Vigotskiano é possível discorrer que o processo de apropriação dos instrumentos e signos se concretiza na atividade conjunta, onde o indivíduo, auxiliado pelo outro social, transforma o plano intersíquico em intrapsíquico, conferindo novos significados à sua realidade. A questão central, no contexto da IA, é discernir se a interação algorítmica facilita a apropriação ativa ou se, ao contrário, estimula a mera assimilação superficial de informações.

Desse modo, a utilização de ferramentas de IA como substitutos de um profissional de psicologia configura uma ruptura com o conceito Vigotskiano de mediação. A essência desse processo reside no encontro com o outro ser social, que compartilha vivências e significados. Se o 'outro' for substituído por um chatbot, a interação degenera de uma relação dialética (produtora de novos significados e consciência) para uma relação mecânica que apenas fornece respostas baseadas em algoritmos, sem aprofundamento na gênese e na transformação do psiquismo. Esta substituição é o cerne da problemática a ser explorada na análise subsequente.

5. O USO DE CHATBOTS COMO APOIO PSICOLÓGICO: LIMITES E IMPLICAÇÕES ÉTICAS

“A comunicação digital pode simular proximidade sem produzir intimidade.”
(Sherry Turkle)

O desenvolvimento de ferramentas de IA, como os chatbots terapêuticos, representa uma fronteira tecnológica que busca democratizar o acesso ao suporte emocional. Embora estudos apontem resultados positivos em algumas condições, quando utilizadas meramente como apoio, o risco inerente surge no momento em que estas ferramentas são indevidamente posicionadas como substitutas da intervenção humana. Essa substituição é eticamente problemática, pois a eficácia dessa tecnologia está intrinsecamente ligada à sua base de dados. Conforme alertam Almeida e Ferreira:

A dependência de bancos de dados para uma melhor precisão das respostas da IA, pode reproduzir vieses ou falhas de interpretação, especialmente em casos críticos, como ideação suicida e transtornos graves (ALMEIDA; FERREIRA, 2025. p. 3).

Essa limitação técnica é inseparável das preocupações éticas da profissão de Psicólogo, especialmente no que tange à qualidade do cuidado e à segurança do usuário quando este utiliza a IA como apoio psicológico. A Resolução nº13/2022 do Conselho Federal de Psicologia, define a psicoterapia como:

Uma prática de intervenção sustentada por um campo de conhecimentos teóricos e técnicos fundamentados cientificamente, embasada por princípios éticos da profissão, que se desenvolve em contexto clínico e em um relacionamento interpessoal, junto a indivíduos, casais, famílias e demais grupos, decorrente de uma demanda psicológica com o objetivo de promover

a saúde mental e propiciar condições para o enfrentamento de conflitos ou transtornos psíquicos (CFP, 2022).

Nesse sentido, podemos considerar que a psicoterapia é um processo relacional que exige a construção de um vínculo humano, pautado na escuta ativa, empatia e no julgamento clínico apurado. A IA, em contraste, não é capaz de estabelecer uma relação genuinamente empática, o que leva à interação parassocial, em que o usuário projeta sentimentos de confiança e apoio sobre um algoritmo que apenas simula a conexão humana (CHAVES, 2025).

Mais grave ainda é a questão da responsabilidade legal. Embora os chatbots sejam capazes de interpretar e se adaptar ao código de ética de um profissional psicólogo, eles não são supervisionados para serem desenvolvidos de maneira ética. Além disso, ainda não existem regulamentações claras sobre o processo de desenvolvimento da IA e quanto ao seu uso, muitas vezes sendo utilizadas de maneiras inadequadas por pessoas leigas, com pouco acesso a recursos econômicos e informacionais (PEIXOTO, 2025).

A popularização e a facilidade de acesso oferecidas por estas ferramentas de IA podem, paradoxalmente, contribuir para a intensificação do sofrimento psíquico do usuário. O baixo custo e a prontidão no acesso estimulam o uso inadequado desses sistemas como substitutos da intervenção psicológica humana. Este uso desenfreado é delicado porque, ao invés de mediar o desenvolvimento de novas formas de lidar com o sofrimento, ele pode fomentar a superficialização da demanda e a ilusão de um cuidado efetivo, o que, a longo prazo, posterga ou impede a busca por um acompanhamento profissional qualificado e aprofundado (SILVEIRA; PARAVIDINI, 2024).

Um dos pontos mais preocupantes reside no fato de que esses assistentes virtuais cada vez mais atualizados estão conseguindo agir e responder como se realmente fossem um “profissional de psicologia” com respostas prontas e trejeitos na fala, o que acaba sendo uma armadilha para muitas pessoas que não conhecem o que é realmente um processo psicoterapêutico profissional. Conforme aponta Peixoto (2025, p. 3), “a IA parece ultrapassar os limites tradicionais do funcionalismo simples, porque não apenas executa tarefas, mas produz linguagem com fluência, coerência, interpretação e até certo ‘estilo’”.

Embora, superficialmente, tal domínio linguístico possa ser interpretado como um avanço significativo, ele, como alerta Peixoto (2025), não se sustenta: essas

ferramentas podem imitar a subjetividade de um ser, porém não possuem vivência, consciência ou sentimentos reais para que consigam estabelecer uma relação palpável. Elas operam com base em algoritmos e padrões de linguagem, o que as torna limitadas e eticamente vazias, dado que não assumem responsabilidade moral pelas implicações de suas respostas.

Podemos nos perguntar: o que de fato está sendo apropriado pelo sujeito ao interagir com uma máquina que simula o “outro social”? É sob esta perspectiva que a Psicologia Histórico-Cultural emerge como o arcabouço conceitual para a análise. Referindo-se ao conceito de desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores a partir do uso de artefatos culturais essenciais para a interação com o outro, será o alicerce para investigar a natureza, os limites e os reais efeitos da IA como um novo signo/instrumento na vida psíquica contemporânea.

Um dos questionamentos que vêm emergindo é a falta de clareza na forma como as informações são utilizadas e processadas para chegar a um resultado. Se não estamos cientes de como tais tecnologias são programadas para funcionar, a probabilidade da mesma reforçar desigualdades aumenta consideravelmente. A falta de transparência de tais algoritmos para com a sociedade impede a percepção e a correção de erros gerados por esses sistemas que podem contribuir para injustiças sociais. De acordo com Lippi *et al.* (2024, p. 350-351), amparado no artigo de AI Now Institute salienta que:

[...] a ausência de clareza sobre os processos decisórios dificulta a identificação de possíveis vieses e, conseqüentemente, afasta a implementação de medidas para mitigá-los, perpetuando desigualdades sociais e limitando a possibilidade de intervenções corretivas. (LIPPI *et al.*, 2024, p. 350-351).

Silveira e Paravidini afirmam que um dos pontos a serem debatidos diz respeito à segurança de dados dos usuários que acessam os chatbots. As informações compartilhadas durante as conversas com a IA ficam armazenadas em seus bancos de dados e existem potenciais riscos de serem compartilhadas sem a permissão do usuário. Um exemplo disso foram as manipulações e vendas de informações que ocorreram por meio da empresa Facebook, que geraram grande comoção pública. Os mesmos autores (2024, p. 5) apontam que:

“Os chatbots não podem prover o mesmo nível de cuidado e atenção que um terapeuta humano, além de poder minar a importância da construção de confiança entre os pacientes e os profissionais de saúde que poderiam mal interpretar o papel do psicólogo de modo geral.”

A subjetividade é um elemento de natureza social, constituído a partir do meio histórico e cultural em que o sujeito está inserido. Martins (2004, p. 82) afirma que “Somente por meio da análise das alienadas relações sociais capitalistas é possível compreender-se a construção da subjetividade na sociedade contemporânea”. Assim, faz-se necessário entender a constituição atual mediada pelas relações geradas pelas tecnologias baseadas em IA, uma vez que as mesmas funcionam como constituintes da subjetividade no cenário atual da humanidade.

O desenvolvimento crescente das tecnologias e a maior valorização das mesmas na sociedade moderna se devem à tentativa de responder às necessidades sociais que surgem conforme o momento histórico em que vivemos. Dessa forma, a tecnologia atua ativamente na construção da subjetividade do sujeito moderno, contribuindo para a criação do que pensamos, acreditamos e sentimos. Os ambientes virtuais permitem transformações na identidade e nas relações sociais, alterando “[...] a percepção de si mesmo e as relações interpessoais, influenciando as dimensões culturais e gerando novas interpretações do mundo” (MARQUES; SILVA, 2024, p. 6).

Muitas pessoas acabam utilizando tais ferramentas, tornando-as quase como um terapeuta pessoal, mas é importante compreender que, apesar de a IA conseguir articular muito bem os conceitos da psicologia, ela apenas reproduz informações presentes em seu sistema operacional. De acordo com Duque-Pereira e Moura (2025):

A análise das respostas do ChatGPT revelou um conjunto de estratégias discursivas recorrentes, que podem ser entendidas como tentativas de simular um diálogo efetivo, ainda que dentro das limitações impostas pela falta de subjetividade própria (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2025, p. 20).

Tais informações não são capazes de apresentar a verdadeira, complexa e contraditória profundidade do pensamento humano. Sobre essa limitação, Duque-Pereira e Moura (2025, p. 21) afirmam que “o chatbot, ao tentar não ‘desagradar’ nenhum possível interlocutor, pratica uma espécie de polifonia controlada, onde as vozes incorporadas já vêm destituídas de sua carga conflitiva.” Analisando essa perspectiva, podemos concluir que os chatbots utilizam combinações estratégicas de informação para convencer os usuários de seus resultados, que carecem de críticas, criatividade e discordância real, elementos que provêm da subjetividade humana composta pelas vivências sociais e culturais de um indivíduo.

Todos esses fatores dificultam a identificação real de tratamentos efetivos, fazendo com que o indivíduo se torne refém de algo que ele acredita estar sendo

benéfico, mas que, na verdade, pode estar corroborando para seu adoecimento mental. Segundo Silveira e Paravidini (2024, p. 4) “As ferramentas de IA dependem de grandes quantidades de dados para fornecer diagnósticos precisos e confiáveis, e a falta de dados pode limitar a eficácia dessas ferramentas.” Desse modo, tais tecnologias nutrem os usuários com relatórios, diagnósticos e opções de tratamentos sem verdadeira profundidade clínica sobre o caso apresentado, podendo tomar decisões tendenciosas de acordo com aquilo que é dito e omitido pelo indivíduo.

Fundamentados na Psicologia Histórico-Cultural, a psicoterapia tem como objetivo ser um processo de aprendizagem e desenvolvimento, onde o psicólogo deve ser o mediador para auxiliar que esse indivíduo consiga tomar consciência dos sofrimentos psíquicos que o afligem e assim atingir o desenvolvimento total de sua personalidade (DELARI JR., 2015). Ademais, o processo da relação entre o indivíduo e a IA, impede o sujeito de elaborar de forma simbólica seu sofrimento, sintetizando a fala ao chatbot a um ato de desabafo emocional sem a mediação interpretativa que possibilita o processo de tomada de consciência do indivíduo.

Contudo, outro ponto importante a se destacar é o isolamento social causado pelo uso excessivo de IA, o que pode promover efeitos como insônia, piora do humor, surgimento de problemas mentais e físicos (LIPPI et al., 2025). À medida que os chatbots vão oferecendo atenção exclusiva e contínua ao indivíduo, ele tende a se afastar do convívio social e da comunicação interpessoal. Sendo assim, “as relações daqui e agora têm dificuldades em estabelecer laços afetivos e desenvolver a inteligência emocional para lidar com dinâmicas sociais que exigem interatividade” (NÓS, 2024, p. 2385).

Segundo Aita (2020), não se deve separar o indivíduo de seu contexto social, pois isso reduziria a profundidade do sujeito, menosprezando sua individualidade e ignorando suas experiências de significação. Assim, é por meio do diálogo terapêutico que o indivíduo pode modificar e reavaliar os sentidos que atribui às suas relações e experiências.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, é possível ponderar sobre a constituição da subjetividade diante do uso da IA como ferramenta psicológica. O uso cotidiano dessa

tecnologia reconfigura práticas de comunicação, trabalho e autocuidado, ao mesmo tempo em que amplia o acesso à informação e intensifica os riscos à saúde mental, sobretudo pela tendência à automonitorização e pelo excesso de estímulos digitais, que podem gerar processos de alienação e esvaziamento da experiência subjetiva.

Sob a perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento humano não é determinado pelos instrumentos, mas pelas mediações sociais que orientam seu uso. Assim, a IA pode funcionar como uma ferramenta simbólica que favorece o desenvolvimento quando apropriada de modo consciente e crítico, preservando a atividade reflexiva do sujeito diante da tecnologia.

Conclui-se, portanto, que a subjetividade adulta na era digital é marcada por contradições: as mediações tecnológicas potencializam o desenvolvimento, mas também o limitam quando desvinculadas de práticas humanizadoras. A análise à luz da Psicologia Histórico-Cultural evidencia a necessidade de promover intervenções psicológicas que incentivem o uso consciente da tecnologia e o fortalecimento das relações sociais mediadas por ela.

Sugere-se, por fim, que estudos futuros aprofundem investigações empíricas sobre o impacto da IA na formação da subjetividade, considerando diferentes contextos sociais, culturais e geracionais, a fim de ampliar a compreensão das novas formas de desenvolvimento humano mediadas pela tecnologia.

REFERÊNCIAS

AITA, E. B. **Psicoterapia enquanto possibilidade de intervenção sobre o processo de formação de consciência**: uma análise histórico-cultural. 2020. 203 f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade Estadual de Maringá- Maringá, 2020.

ALMEIDA, K. P.; FERREIRA, M. S. Inteligência artificial na psicoterapia: fatores geradores, desafios e limites. **Práxis em Saúde**, Florianópolis, v. 3, n. 2, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2583>. Acesso em: 19 mar. 2026.

CARVALHO JÚNIOR, C. F.; CARVALHO, K. R. S. A. Chatbot: uma visão geral sobre aplicações inteligentes. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 2, n. 2, p. 68–84, 2018. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/140>. Acesso em: 19 mar. 2026.

CETIC.BR. **TIC Domicílios 2024 – Indivíduos**: C2A Usuários de Internet - indicador ampliado. São Paulo: NIC.br, 2024. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2024/individuos/C2A/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

CHATTERJI, A. et al. **How People Use ChatGPT**. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2025. (NBER Working Paper, n. 34255). Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w34255>. Acesso em: 13 out. 2025.

CHAVES, A. **Explorando o impacto psicológico das interações parassociais com inteligência artificial na saúde mental do usuário**. SciELO Preprints, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12061>. Acesso em: 19 mar. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução nº 13, de 15 de junho de 2022. **Dispõe sobre diretrizes e deveres para o exercício da psicoterapia por psicóloga e por psicólogo**. Brasília: CFP, 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-13-de-15-de-junho-de-2022-408911936>. Acesso em: 17 mar. 2026.

DELARI Jr. A **Questões sobre práticas sociais psicoterapêuticas mediadas por contribuições de Vigotski**. Estação Mir - Arquivos digitais, 2015.

DUQUE-PEREIRA, I. S.; MOURA, S. A. **Monologismo algorítmico e dialogismo simulado: uma análise bakhtiniana do discurso mediado por chatbots de IA**. SciELO Preprints, 2025. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/11590>. Acesso em: 19 mar. 2026.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos CEDES**, v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005>. Acesso em: 1 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Em 2023, 88,0% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram Internet**. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 16 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet>. Acesso em: 8 nov. 2025.

LIMA, P.; CARVALHO, C. A Psicoterapia Socio-Histórica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. esp, p.154-163, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/V3bMjf9VW6H8sDDRdfNwfDB/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2025.

LIPPI, F. L.; ABILIO, C. C. C.; LIPPI, J. R. S.; GATTI, D. C.; GRAGLIA, M. A. V. Impactos emocionais e afetivos do uso da inteligência artificial. **Lumen et Virtus**, [S. l.], v. 16, n. 44, p. 341-355, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/2836>. Acesso em: 30 set. 2025.

LIPPI, F. L.; ABILIO, C. C. C.; LIPPI, J. R. S.; GRAGLIA, M. A. V. Inteligência Artificial e saúde mental no Brasil: uma revisão sistemática da literatura.

Contribuciones a las Ciencias Sociales, [S. l.], v. 17, n. 6, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/7935>. Acesso em: 1 out. 2025.

MARQUES, M. V. C.; SILVA, L. D. Influências das redes sociais na formação da subjetividade de jovens adultos sob uma perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 12, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6836>. Acesso em: 30 set. 2025.

MARTINS, L. M.. A natureza histórico-social da personalidade. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 82-99, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100006>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MARTINS, L. M. Fundamentos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. **Currículo Comum para o Ensino Fundamental Municipal**. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, p. 41-79, 2016.

NÓS, A. O uso excessivo das Tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 9, p. 2380–2387, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14656>. Acesso em: 14 mar. 2026.

PEIXOTO, A. L. A. Inteligência Artificial Generativa e seu Impacto na Formação e no Exercício Profissional da Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 45, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/p3TgdLYJJtKlhzYy8K5T7wf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2025.

SILVEIRA, P. V. R.; PARAVIDINI, J. L. L.. Ética da aplicação de inteligências artificiais e chatbots na saúde mental: uma perspectiva psicanalítica. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 12, n. 30, p. 01–16, 2024. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/717>. Acesso em: 13 nov. 2025.

VIGOTSKI, L. S. *Manuscrito de 1929*. Tradução: Alexandra Marenitch; Luís Carlos de Freitas; revisão técnica: Angel Pino. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 21–44, jul. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>. Acesso em: 30 set. 2025.